

VENDREDI: MESTRE SELVAGEM E HERÓI DIVINO

Jussara da Silva RODRIGUES*

RESUMO: O romance de Michel Tournier, *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*, reconta, a partir de uma perspectiva nova e surpreendente, um dos grandes mitos da modernidade: a história de Robinson Crusoe. Como o próprio título indica, o indígena Sexta-Feira deixa de desempenhar um papel secundário nas aventuras do náufrago e adquire uma importância fundamental. Tournier não apenas caracteriza a personagem de modo fascinante, como também, através da paródia, chama a atenção para o olhar preconceituoso, dirigido ao homem primitivo na obra de Defoe. Além de uma personalidade marcante, a composição de *Vendredi* tem origens em algumas das fontes mais nobres da história da literatura universal: a cultura grega e o *Bildungsroman*. Fontes que influenciaram e revolucionaram, cada uma a seu tempo, a forma de o homem pensar a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Tournier. *Vendredi*. Robinson Crusoe. Mitologia. *Bildungsroman*.

Ao se ouvir falar o nome Robinson Crusoe, dificilmente se permanece indiferente. A história do náufrago que permanece por vinte oito anos em uma ilha deserta, conseguindo criar condições para sua sobrevivência durante todo o longo período de seu isolamento, escrita por Daniel Defoe em 1719, tornou-se uma das narrativas mais lidas e reescritas de toda a literatura. Ela forma um conjunto de obras de variados gêneros, ao qual se denominou *robinsonnades*, e alcançou o *status* de mito, reforçado por Watt (1997), ao fazer repercutir na forma de best-seller as maiores aspirações de seus contemporâneos, marcadas pelos conflitos da modernidade e por todos os conceitos ligados a ela, como autonomia, capitalismo, racionalismo e cientificismo, valorização do trabalho, entre outros (BORNHEIM, 1992).

* Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – São Paulo – Brasil. 14.800.901 – jussaranft@yahoo.com.br

Diante de tal repercussão é muito difícil pensar-se na possibilidade da aparição de algo inédito, em meio a tudo o que já foi escrito sobre o tema. É esse justamente o maior mérito de Michel Tournier ao escrever em 1967 seu primeiro e um dos seus mais conhecidos romances, *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*.

A partir da retomada de mitos, Tournier amplia e distorce a visão até então cristalizada sobre eles. É desse modo que surpreende ao tomar o mito de Robinson Crusoe para lançá-lo de uma perspectiva até então inédita, uma perspectiva que privilegia não as aspirações do protagonista Robinson Crusoe, mas a do índio araucano Vendredi.

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique é sem dúvida a história de Robinson Crusoe, mas o contraste entre os protagonistas de Michel Tournier e de Daniel Defoe vai se tornando cada vez mais evidente ao longo da narrativa, tendo seu ápice no momento final, em que um deles decide ficar na ilha, enquanto o outro volta à civilização: “Desse modo, as duas evoluções são fundamentalmente diferentes: o Robinson de Defoe retornava à civilização; o de Tournier ascende à felicidade.”¹ (MAILLARD, 1993, p.101, tradução nossa). As divergências entre os dois textos não se resumem apenas à mudança de final, como artifício de originalidade, mas se apresentam claramente com a introdução de vários elementos, tanto no que diz respeito ao enredo como à escritura, introduzidos sutilmente na obra de Tournier.

Por outro lado, nada sutil é a brusca disparidade nas personalidades de Sexta-Feira e de Vendredi². É interessante observar a insignificância de Sexta-Feira para o desenvolvimento narrativo na obra de Defoe. É um selvagem que aceita praticamente sem questionar as disposições de civilidade que Robinson lhe impõe. Como num passe de mágica, ele abandona as práticas de sua cultura e adota as de Robinson como verdades irrefutáveis. Sua aparição concorre, na verdade, mais para permitir que Robinson obtenha maior êxito em tudo que realiza, do que para acrescentar uma personagem nova à narrativa, já que Sexta-Feira não tem individualidade explícita. Não é possível descrevê-lo, a não ser fisicamente, quase nada se pode depreender de seus sentimentos, de suas paixões, a não ser que ama Robinson com todas as suas forças. O seu sentimento de gratidão por Robinson ter salvado a sua vida é suplantado por uma escravidão

¹ “Ainsi les deux évolutions sont fondamentalement différentes: le Robinson de Defoe retournait à la civilisation; celui de Tournier accède au bonheur.”

² Para evitar desentendimentos, o indígena será chamado Sexta-Feira quando se tratar da obra de Defoe e Vendredi no caso de Tournier.

consentida. O único adjetivo que lhe cabe é o de “criado”. Robinson trata Sexta-Feira como uma folha de papel em branco, na qual é preciso tudo imprimir. A cultura do indígena não provoca em Robinson qualquer tipo de curiosidade, apenas a repugnância por seus hábitos canibais. O “selvagem” é somente um criado que surge providencialmente no momento em que Robinson se sente mais afligido pela solidão. Além disso, mesmo que Robinson tenha feito de Sexta-Feira “um bom cristão” nunca demonstra considerá-lo seu igual. De volta à Europa, Robinson leva Sexta-Feira que “[o] acompanhou sempre em todas estas deslocções e mostrou-se sempre um criado fiel.” (DEFOE, 1975, p.264).

Fica evidente o único papel que Sexta-Feira representa durante toda a vida de Robinson; o de um criado fiel ou, como melhor se encaixaria na definição desta personagem, o de um cão fiel. Aquele que diverte, acompanha, se sacrifica e, se tratado com um mínimo de disciplina, é capaz de aprender algumas lições que o tornarão menos selvagem e mais doméstico.

Sexta Feira é uma personagem digna de dó. Entretanto, está claro que a fraqueza da caracterização do criado de Robinson não representa uma falha na obra de Defoe, se se pensar nos padrões de pensamento da época. Ao mostrar Sexta-Feira como um indivíduo medíocre, Defoe apenas reforça os preconceitos vigentes no século XVIII. Num período em que o racionalismo, a ciência e a tecnologia são características fundamentais para se pensar o homem moderno, não se podia considerar um indivíduo vindo de uma sociedade primitiva, sem qualquer tecnologia, como um portador de qualquer traço de humanidade ou autonomia. Além disso, o fato de toda a narração ser feita em primeira pessoa, deixa em desvantagem a preocupação em expor os aspectos ligados à interioridade de Sexta-Feira.

Em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*, ao contrário, mesmo que não seja prioritária a revelação da interioridade do araucano, a imagem sugerida da personagem é de um indivíduo auto-suficiente, autônomo e espiritualmente superior a Robinson. Enquanto, em muitos trechos, as atitudes de Robinson são apresentadas como manifestações ridículas de um ser humano fraco, ingênuo e com necessidade constante de auto-afirmação, às vezes reforçadas com um toque de humor e ironia, Vendredi cativa o leitor com sua simplicidade e inocência, em momento algum consideradas como falhas de um caráter débil ou rude.

A narração da relação que se estabelece entre Vendredi e Robinson, assim que ele chega à ilha, deixa supor um Vendredi submisso e sujeito a todos os caprichos de seu “senhor”. O narrador, extensão da voz do próprio Robinson,

faz saber que ele é “de uma docilidade perfeita”³ e que “pertence corpo e alma ao homem branco”⁴ (TOURNIER, 1972, p.148, tradução nossa), mas essas observações revelam-se, na verdade, uma grande ironia quando, logo no capítulo seguinte, Vendredi sai numa empreitada pela ilha acompanhado pelo cão Tenn, fazendo tudo o que tem vontade. Naquele momento, “ele era senhor de si, senhor da ilha”⁵ (TOURNIER, 1972, p.157, tradução nossa). Esse episódio desmascara a impotência de Robinson em exercer qualquer influência sobre o araucano. As únicas vezes em que o europeu consegue impor algum respeito é fazendo uso da violência, o que só reforça o seu caráter cruel e ciumento.

Vendredi não só vai ser o desencadeador de uma nova fase na vida de Robinson, como também serão os seus pontos de vista, o seu modo de viver, a sua identidade que integrarão o padrão de comportamento na ilha depois da explosão acidental da gruta – reviravolta que marca uma nova etapa no desenvolvimento da narrativa. Ele é, realmente, dotado de um grande espírito, a ponto de Robinson imaginá-lo possuído:

Evidentemente ele me obedece cegamente e é bastante estranho que eu me queixe disso. Mas há nessa submissão, alguma coisa de perfeito demais, de mecânico mesmo, que me enregela – senão fosse este riso devastador que ele parece não poder reprimir em alguns casos e que se assemelha à manifestação repentina de um diabo que estaria nele. Possuído. Sim, Vendredi está possuído. E até duplamente possuído. Pois é preciso mesmo reconhecer que, à parte suas explosões de riso diabólicas, sou eu inteiramente quem age e pensa nele. (TOURNIER, 1972, p.153-154, tradução nossa)⁶.

Mas, a princípio, Robinson, o civilizado, enxerga Vendredi como um ser humano inferior, pertencente “ao mais baixo grau da escala humana”⁷. (TOURNIER, 1972, p.146, tradução nossa). Porém, no contexto da obra de Michel Tournier, a desumanização é uma vantagem, que aproxima mais o homem dos elementos e de uma existência superior. Ao contrário do que se vê em Defoe, quanto menos racional e humano, melhor se é.

³ *“d'une docilité parfaite”.*

⁴ *“appartient corps et âme à l'homme blanc.”*

⁵ *“Il était maître de lui, maître de l'île.”*

⁶ *“Evidemment il m'obéit au doigt et à l'oeil, et je suis bien étrange de m'en plaindre. Mais il y a dans cette soumission quelque chose de trop parfait, de mécanique même qui me glace – si ce n'est hélas ce rire dévastateur qu'il paraît ne pas pouvoir réprimer dans certains cas, et qui ressemble à la manifestation soudaine d'un diable qui serait en lui. Possédé. Oui, Vendredi est possédé. Et même doublement possédé. Car il faut bien reconnaître qu'en dehors de ses éclats de rire diaboliques, c'est moi tout entier qui agis et pense en lui.”*

⁷ *“au plus bas degré de l'échelle humaine.”*

Predomina na figura de Vendredi a sua imagem de homem livre. Em momento algum, mesmo que tenha seguido durante um bom tempo as regras do jogo de Robinson, Vendredi se submete totalmente às vontades de seu senhor. Por mais que obedeça todas as ordens de forma irrepreensível há algo nele que perturba o hiperbóreo. Como se tudo fosse uma simulação e, na verdade, Vendredi nunca tivesse deixado de seguir apenas os seus próprios instintos.

A transcendência a uma realidade que privilegia o elementar em lugar do humano vai ser o ponto máximo da evolução de Robinson. Vendredi, por sua vez, parece já estar instalado nessa realidade e isso o torna bastante superior a Robinson. Vendredi é senhor de si. Ele não parece ter as dúvidas e os medos que afligem Robinson. Ele não se questiona, simplesmente age. Não há preconceitos ou privações no espaço privilegiado da ilha, é preciso viver e a personagem de Robinson só abandona sua condição mesquinha de humano racional depois que começa a seguir os ensinamentos de Vendredi.

Robinson, depois de muitos passos em falso, se dá conta de que a maneira de viver segundo Vendredi é bem mais conveniente naquela ilha e para seu crescimento espiritual. Tudo o que Robinson aprende de Vendredi é assimilado de modo muito natural. Ele observa os gestos, as atitudes de Vendredi e procura imitá-las.

Nesse aspecto, o papel desempenhado por Vendredi aproxima de uma figura recorrente no *Bildungsroman*: o mestre ou mentor.

O *Bildungsroman*, também denominado romance de formação, é um gênero de romance que surgiu na Alemanha dos fins do século XVIII, a fim de reproduzir os anseios e valores da burguesia, que acabara de se estabelecer e sentia necessidade de se reafirmar como classe dominante. Esse tipo de romance foi, então, a princípio, fortemente ligado ao seu contexto histórico. O tema desse tipo de romance gira em torno da formação individual na busca de aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual e moral. Incorporado ao rol dos grandes temas da literatura, o gênero se consagrou. Hoje, quase toda a obra que trate do assunto é chamada de *Bildungsroman* ou romance de formação. A classificação é feita a partir de aproximações em maior ou menor grau com o romance de Goethe, *Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, cânone do gênero (MAAS, 2000).

O jovem protagonista dos romances de formação é conduzido, aconselhado por uma figura masculina, em geral mais velha, responsável pela formação da personalidade e do intelecto do jovem.

O fato de Vendredi ser mais jovem que Robinson e tratado, durante muito tempo, pelo próprio Robinson, quase como um animal indica uma subversão do gênero *Bildungsroman* e reforça o caráter paródico⁸ da narrativa.

Mas, de qualquer forma, é inegável o parentesco desta obra com o *Bildungsroman*. Robinson passa por diversas fases de aprendizado que o conduzirão à evolução espiritual, intelectual e mesmo física. E seu espelho, seu exemplo, seu mentor é, sem dúvida alguma Vendredi. A admiração de Robinson por Vendredi torna-se tão acentuada que ele almeja ser igual a Vendredi, como se verifica no trecho a seguir:

Sol, torne-me semelhante a Vendredi. Dê-me o rosto de Vendredi, descontraído pelo riso. [...] Esse olho sempre iluminado pela zombaria, fendido pela ironia. Esse balanceio da cabeça sobre os ombros para melhor rir, para melhor impregnar de risibilidade todas as coisas que estão no mundo, para melhor denunciar e solucionar essas duas câibras, a estupidez e a maudade [...] (TOURNIER, 1972, p.217, tradução nossa)⁹.

A prece que Robinson dirige ao Sol é parte de uma identificação profunda entre o protagonista e o Astro-Rei. Na nova fase da existência de Robinson, o Sol será um elemento marcante de sua evolução e da formação de sua nova personalidade. Esse tipo de associação, que se deve ao caráter mítico presente em toda a narrativa de Michel Tournier, remete a uma gama enorme de símbolos que envolvem o Sol, e entre elas está a figura do deus Apolo o qual, até entre os mais leigos em mitologia grega, é identificado com o Sol. Fica então patente o parentesco de Robinson com o deus grego.

Essa associação pode ser reforçada mesmo pela aparência física de Robinson que se assemelha à figura comumente difundida do deus. Apolo é, em geral, representado como um deus jovem, imberbe e belo, possuidor de vastos cabelos dourados, como os raios do sol. Essa descrição se aplica também ao próprio Robinson depois que ele se inicia na ordem que se estabelece na ilha sob a influência de Vendredi. As transformações operadas em Robinson afetam, em primeiro lugar, sua aparência.

⁸ A definição do termo **paródia** neste artigo é a mesma utilizada por Linda Hutcheon (1991, p.47, grifo do autor): “[...] quando falo em ‘paródia’, não estou me referindo à imitação ridicularizadora das teorias e das definições padronizadas que se originam das teorias de humor do século XVIII. A importância coletiva da *prática* paródica sugere uma redefinição da paródia como uma repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmagô da semelhança.”

⁹ “Soleil, rends-moi semblable à Vendredi. Donne-moi le visage de Vendredi, épanoui par le rire. [...] Cet œil toujours allumé par la dérision, fendu par l’ironie. Ce balancement de la tête sur l’épaule pour mieux rire, pour mieux frapper de risibilité toutes choses qui sont au monde, pour mieux dénoncer et dénouer ces deux crampes, la bêtise et la méchanceté...”

Seu aspecto exterior sofrera o primeiro ataque. Ele renunciara a raspar a cabeça e seus cabelos se torciam em cachos ruivos cada dia mais exuberantes. Por outro lado, cortara a barba [...]. Ele rejuvenescera assim uma geração. (TOURNIER, 1972, p.191, tradução nossa)¹⁰.

A identificação inequívoca entre Apolo e Robinson incita a fazer uma outra associação: do deus Dioniso com Vendredi, já Apolo apresenta um contraste muito sensível em relação a esse deus. É muito difícil falar de Dioniso sem que se faça necessária a consideração de alguns aspectos que o ligam ao outro morador do Olimpo.

Apolo e Dioniso são caracterizados por serem deuses de epifanias. Isto quer dizer que eles, mesmo sendo seres divinos, se manifestam em algumas situações na terra sob a forma humana. Além disso, são deuses ligados à arte na cultura grega. Apolo, às artes plásticas e Dioniso, à música. É o que leva Nietzsche (2000, p.27), a ver em seu emparelhamento a origem da tragédia ática: “[...] o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco [...] em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações.”

Essa luta entre os deuses, da qual fala Nietzsche, deve-se ao caráter apolíneo, ligado ao plástico, à aparência, em oposição à extravagância do dionisíaco, explicitada pela excitação febril da qual são tomados os seguidores de Baco ou Dioniso nas **orgias**. Para o homem grego comum, apolíneo, é inaceitável a forma do culto dionisíaco. Estes eram caracterizados por ritos regados a vinho e uma grande licenciosidade. Dioniso é considerado um deus que propicia a liberação das cadeias sociais, um mergulho no inconsciente. Apolo é relacionado à luz, ao sol, às artes, dotado de uma natureza estética. Esses aspectos que distinguem um do outro são, na concepção nietzschiana, complementares na formação da tragédia grega. O que é bastante pertinente considerando-se que a arte, ao mesmo tempo, é uma das maneiras pela qual o homem liberta-se dos limites da vida cotidiana e é a expressão da beleza estética.

Uma consulta à obra de Jeanmarie (1970) informa que o deus Dioniso, além do que já foi dito, é comumente associado às formas vegetais. Seja na representação de sua figura através de uma árvore ou na realização de seus cultos por devotos ornados de plantas, o elemento vegetal é marcante na composição do caráter dionisíaco. É marcante também, nesse sentido, que o indígena Vendredi seja um araucano. O povo de Vendredi é designado pelo nome de uma

¹⁰ *“Son aspect extérieur en avait subi la première atteinte. Il avait renoncé a se raser le crâne, et ses cheveux se tordaient en boucles fauves de jour en jour exubérantes. En revanche, il avait coupé sa barbe [...]. Il avait ainsi rajeuni d'une génération”.*

das árvores mais comuns em seu território: a araucária. Esta designação, para se referir ao selvagem, é diversas vezes utilizada na obra. Portanto, a simples identificação do indígena por este nome já remete ao elemento vegetal. Além disso, num dos episódios mais reveladores de sua personalidade, depois que ele passeia pela ilha entregue as suas próprias vontades, é travestido em homem-planta que Robinson o reencontra.

Outro fator relevante na personalidade do deus Dioniso e de Vendredi é sua relação com a dança e a música. Um sentimento que toma conta do araucano em determinado momento da narrativa é descrito pelo autor com as seguintes palavras: “Ele estava embriagado de juventude e de disponibilidade nesse meio sem limites **onde todos os movimentos eram possíveis**, onde nada detinha o olhar”¹¹ (TOURNIER, 1972, p.160, tradução nossa, grifo nosso). E, mais tarde, na cena da descoberta de Vendredi entre as folhas, Tournier utiliza a palavra “*chorégraphie*”. Em outros trechos, Robinson atribui “*grâce*” a Vendredi, explicando que usa a palavra nos dois sentidos: “aquele que se aplica ao dançarino e aquele que concerne ao santo”¹² (TOURNIER, 1972, p.217, tradução nossa), ou observa que Vendredi “[...] esboça um passo de dança que faz cantar o equilíbrio dos graves e agudos de seu corpo.”¹³ (TOURNIER, 1972, p.221-222, tradução nossa).

Portanto, a desenvoltura de Vendredi é similar à do deus Dioniso, que é geralmente ligado à alegria, ao divertimento, à juventude, à renovação. Vendredi não só consegue devolver a Robinson a capacidade de rir, que ele perdera depois de tão longo período de isolamento, como também propicia seu rejuvenescimento, por meio das mudanças que passam a reger a nova ordem da ilha. Essa ordem estabelecida sem pé nem cabeça, de inversão, é típica da própria figura do deus. Um deus representado sempre como um adolescente, característica que também é destacada desde o primeiro momento da aparição de Vendredi, um jovem de não mais de quinze anos.

A inversão da ordem padrão de comportamento, à qual se liga a figura de Dioniso é representada por algumas atitudes bastante simbólicas de Vendredi. No Capítulo VIII, ele surpreende Robinson ao aplicar um tratamento bastante singular a alguns arbustos, que desenraiza e replanta ao contrário, ou seja, raízes para o alto e ramos enfiados na terra. O mais notável é que as plantas “pareciam

¹¹ “Il était ivre de jeunesse et de disponibilité dans ce milieu sans limites où tous les mouvements étaient possibles, où rien n’arrêtait le regard.”

¹² “celui qui s’applique au danseur et celui qui concerne le saint”.

¹³ “esquisse un pas de danse qui fait chanter l’équilibre des pleins et des déliés de son corps.”

todas estar acomodadas nesse tratamento bárbaro.”¹⁴ (TOURNIER, 1972, p.163, tradução nossa). Isso deixa prever que a ordem de Vendredi, mesmo destoante da ordem natural das coisas, é bem aceita no universo da ilha.

Em outra passagem, tomamos conhecimento que Vendredi é capaz de caminhar apoiado com as mãos com a mesma facilidade que o faz um homem em posição normal – habilidade esta que o próprio Robinson adquire e que assinala nesse momento a aceitação da personagem à nova ordem dionisíaca, uma ordem de cabeça para baixo para os padrões moralistas da sociedade moderna.

Mas, acima de tudo, Dioniso é, por excelência, um deus benfeitor e iniciador dos homens. Exatamente o que é Vendredi para Robinson, conduzindo o hiperbóreo a um estado de revigoração intimamente ligado ao contato com a natureza.

Bouloumié (1991, p.27, tradução nossa) deixa bastante clara a íntima relação que se estabelece entre as figuras do deus e do selvagem ao lembrar que, “[...] como Dioniso, deus da libertação e da supressão das proibições, Vendredi libera Robinson de seus preconceitos e de suas inibições.”¹⁵

Todas esses atributos que Vendredi recebe pelas mãos de Michel Tournier fazem dele uma personagem rica e cativante, elemento fundamental para a renovação do mito de Robinson Crusoe, inserido agora na literatura contemporânea.



VENDREDI: WILD MASTER AND DIVINE HERO

ABSTRACT: *The novel Vendredi or Les Limbes du Pacifique by Michel Tournier retells from a new and surprising perspective one of the greatest myths of modernity: the story of Robinson Crusoe. As the title indicates, the indigenous, Friday, leaves his secondary role in the adventures of the shipwrecked to assume an important and central role in the narrative. Tournier not only constructs his character in a fascinating way but also, using parody, calls the attention to the prejudiced view turned to the primitive man characterized in the work by Daniel Defoe. Showing strong personality, Vendredi's conception comes from the noblest sources of the history of universal literature: Greek*

¹⁴ “paraissaient tous s’être accomodés de ce traitement barbare.”

¹⁵ “comme Dionysos, dieu de l’affranchissement et de la supression des interdits, Vendredi libère Robinson de ses préjugés et de ses inibitions.”

Jussara da Silva Rodrigues

culture and the Bildungsroman. Sources that influenced and revolutionized, each one at its time, the way man thinks about literature.

KEYWORDS: Michel Tournier. Friday. Robinson Crusoe. Mythology. Bildungsroman.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, G. O sujeito e a norma. In: NOVAES, A. (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.247-260.

BOULOUMIÉ, A. Inversion bénigne, inversion maligne. In: IMAGES et signes de Michel Tournier: actes du Colloque du Centre culturel international de Cerisy-la-Salle. Direction de Arlette Bouloumié et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1991. p.17-41.

DEFOE, D. **A vida e as surpreendentes e singulares aventuras de Robinson Crusoe, de Iorque, marinheiro**. Tradução de Elsa Andriga. Lisboa: Europa-América, 1975.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Logoteca).

JEANMARIE, H. **Dionysos**: histoire du culte de Bacchus. Paris: Payot, 1970.

MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo**: o Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: EDUNESP, 2000.

MAILLARD, M. **Vendredi ou les limbes du pacifique**: Tournier. Collection dirigée par Henri Mitterand. Paris: Editions Nathan, 1993. (Balises).

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2.ed. Tradução de notas e prefácio de Jacó Guinsburg. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

TOURNIER, M. **Vendredi ou les imbes du Pacifique**. Paris: Gallimard, 1972.

WATT, I. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.